

INVENTÁRIO DO HORROR: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO DOS MASSACRES ESCOLARES OCORRIDOS NO BRASIL EM 2023

Marcela Eduarda da Silva¹
Catarina Carneiro Gonçalves²

RESUMO

O presente estudo analisou os sucessivos episódios de massacres ocorridos em escolas brasileiras no ano de 2023. Partindo de uma pesquisa qualitativa, do tipo análise documental, inventariamos notícias produzidas por jornais de ampla circulação no Brasil e, ainda, os dados dispostos no relatório “Ataques às escolas no Brasil: análise do fenômeno e recomendações para ação governamental (Brasil, 2023). A partir deste levantamento, identificamos que o ano de 2023 concentrou o maior número de episódios de violência extrema em nosso país, estando associados a uma dimensão cultural pautada no ódio, na cultura bélica e nos elementos de masculinidade tóxica. Além disso, encontramos como fatores explicativos aos massacres questões ligadas ao clima escolar, associando as práticas de bullying e outras formas de violência escolar aos episódios aqui em tela. Desta realidade, o inventário aqui realizado evidencia a necessidade de uma mudança cultural interna às escolas, ressignificando os currículos das instituições educativas para uma lógica cooperativa, pautada na alteridade.

Palavras-chave: Massacres em Escolas; Violência Escolar; Bullying, Discurso de Ódio; Masculinidade Tóxica.

1. INTRODUÇÃO

O imaginário social de que a escola é um espaço seguro de convivência pacífica tem se fragilizado, nos últimos anos, abrindo portas para a constatação de que as instituições educativas também são espaços de ocorrências violentas, ora como vítimas e ora como produtoras de tais relações (Abramovay, 2002, p. 78). Isso porque, sendo as escolas instituições sociais, nelas se expressam, produzem e reproduzem as violências que ocorrem em seu exterior, incluindo os casos mais duros como, por exemplo, os crimes. A violência armada, antes presente apenas no convívio externo às escolas, rompeu os muros institucionais nas últimas décadas, gerando em toda sociedade sentimento de insegurança, acabando por afetar toda a comunidade escolar (Gonçalves et al., 2021).

Uma forma bastante impactante das violências com arma de fogo em escola são os massacres, cujos episódios iniciaram, no Brasil, no início do século XXI e se intensificaram nos últimos cinco anos. A esse respeito, Gonçalves, Silva e Nascimento (2020, p.18), destacam que massacres se caracterizam como uma “situação de violência que se volte contra

¹ Concluinte de Pedagogia - Centro de Educação - UFPE. Email: marcela.eduarda@ufpe.br

² Professora do Departamento de Ensino e Currículo - Centro de Educação - UFPE. Email: catarina.goncalves@ufpe.br

a escola, ferindo ou matando sujeitos da comunidade educativa – docentes, discentes, funcionários, (considerando-se vítima inclusive quem perpetra o crime, através do suicídio, como tem sido recorrente)”. Estas ações violentas geram enormes prejuízos à saúde mental da comunidade escolar atingindo, também, a sociedade em geral.

Sendo essa uma forma de violência extrema voltada às instituições educativas, e que, na maioria das vezes, é cometida por alunos ou ex-alunos das próprias instituições atacadas (Brasil, 2023), defendemos que esses episódios precisam ser compreendidos, também, como parte de um processo que faz parte da cultura escolar, posto que o extremismo se relaciona, diretamente, com as experiências estabelecidas pelo perpetrador com a escola atacada e, ainda, com outros estudantes (Vieira; Mendes; Guimarães, 2009).

Diante disso, reconhecemos que os massacres, embora sejam formas de violência contra escola, se inter-relacionam com outras formas de violência escolar. Disso demanda um olhar complexo por parte dos estudos educacionais que se voltam à compreensão do fenômeno, superando o reducionismo com que, algumas vezes, são explicadas situações complexas.

Desse modo, considerando a incidência cada vez mais recorrente de massacres em escolas brasileiras e, ainda, a complexidade e amplos impactos a curto, médio e longo prazo que tais episódios ocasionam, é fundamental a caracterização dos episódios ocorridos no período entre janeiro e dezembro de 2023, buscando, a compreensão dos elementos que envolvem esses episódios, a fim de se pensar em estratégias educativas frente a esse fenômeno em expansão no país.

Reconhecendo tal relevância, nos perguntamos: o que há de novo nos casos de massacres nas escolas no Brasil em 2023, gerando tantos e sucessivos episódios? Desta questão, então, levantamos nosso objetivo geral, o qual é: **Analisar os episódios de massacres em escolas brasileiras ocorridos em 2023**. Deste objetivo emergiram os específicos, sendo eles: **Caracterizar os episódios de massacres em escolas brasileiras ocorridos em 2023; Analisar os elementos que envolvem os episódios de massacres em escolas brasileiras ocorridos em 2023; Delimitar perfil dos perpetradores dos massacres ocorridos em escolas brasileiras em 2023; Delimitar perfil dos alvos dos massacres ocorridos em escolas brasileiras em 2023**.

Para isso, realizaremos uma pesquisa, de natureza qualitativa, do tipo exploratória, buscando inventariar os massacres ocorridos em 2023 no Brasil, utilizando como caminho metodológico a análise documental. Os documentos analisados serão os registros de notícias

jornalísticas produzidas por veículos de mídia de grande circulação no Brasil, bem como a análise de relatórios e documentos produzidos por órgãos oficiais que estão investigando os episódios de massacres ocorridos em nosso país.

Buscando compreender os elementos que compõem as especificidades desse fenômeno de violência recorreremos aos estudos epistemológicos no campo da violência escolar, construindo, a seguir, a fundamentação teórica composta por três focos de reflexão: violência escolar - tipos e características; massacres em escolas brasileiras - o que sabemos até o presente momento?; e o papel da escola diante dos casos de violência extrema.

2. REVISÃO DA LITERATURA

2.1 VIOLÊNCIA ESCOLAR: TIPOS E CARACTERÍSTICAS

A história da humanidade é marcada por eventos violentos que se manifestam de diversas formas e em diferentes áreas da sociedade: política, educação, literatura e em outras representações artísticas. Esse fenômeno multifacetado, complexo e diverso está presente em todos os espaços sociais, inclusive nas instituições de ensino, na qual tem a sua crescente manifestação (Abramovay, 2012). Entretanto, embora não seja recente, assume variadas formas, podendo ser compreendido como consequência da inter-relação de condições sociais, econômicas e políticas internas e externas às escolas (Charlot, 2002; Pino, 2007).

Quando a violência ocorre, especificamente, no cenário educacional, é possível caracterizá-la em três tipos: violências **na**, **à** e **da** escola (Charlot, 2002). A violência **na** escola acontece dentro desse ambiente, mas não se relaciona diretamente com a instituição. Por exemplo, quando adolescentes brigam, fisicamente, durante uma partida de futebol, tal violência ocorre na escola, mas poderia acontecer em qualquer outro lugar, como um campinho do bairro. Quando conceitua violência **à** escola, se faz referência ao fenômeno violento realizado contra o patrimônio da instituição e/ou aos profissionais que dela fazem parte. Por exemplo, quando estudantes depredam o prédio da escola ou agredem docentes, temos, então, formas de violência contra escola. O terceiro tipo, nomeado como violência **da** escola, é a violência manifestada pela instituição através de sua forma simbólica, reproduzindo preconceitos e atos discriminatórios. Isso ocorre, por exemplo, quando há negligência por parte dos educadores em relação aos direitos humanos dos estudantes.

Embora, do ponto de vista epistêmico e de suas manifestações, encontremos

diferenças entre as três formas de violência escolar, sabemos que elas não estão dissociadas. Isso porque, por exemplo, uma escola cuja violência dela seja frequente, é também mais rotineiro a violência nela e, ainda, contra ela.

Esse fenômeno e sua teia de relações não caracterizam questões exclusiva das escolas. Embora saibamos que a violência é uma crise social, em cenários mais amplos, ela também é produzida pelas instituições educativas e se manifesta em seu interior assumindo contornos próprios (Gonçalves; Silva; Nascimento, 2020). Por isso, os debates sobre violência escolar precisam permear uma discussão ampla e complexa, partindo dos problemas de convivência fundamentais na construção de ações interventivas, mas considerando, também, aspectos internos e externos às escolas que transpassam os atos violentos em si.

No Brasil, embora estudado apenas recentemente, os fenômenos dos massacres são analisados a partir de uma cultura de violência presente em nossa sociedade, manifestada por marcas relacionais que atravessam todos os espaços e interações, principalmente entre pessoas do sexo masculino. A tal respeito, Gonçalves, Silva e Nascimento (2020) realçam a dimensão de que todos os perpetradores de massacres são jovens e adolescentes do sexo masculino que cultuam em suas identidades elementos de uma masculinidade tóxica pautada no uso da violência como estratégia de resolução de conflitos. Portanto, quando os estudos em torno do massacre adentram o campo epistemológico da educação precisam considerar que a escola é um espaço formativo, de modo que o enfrentamento dessa cultura de violência deve ser incorporado ao projeto político de educar crianças, jovens e adolescentes numa perspectiva da equidade. Nunca é demais ressaltar que a escola não pode assumir problemáticas sociais, apenas, no nível da constatação, mas, sobretudo, como perspectiva de investimento pedagógico que favoreça outras formas relacionais possíveis.

Tal realidade se torna ainda mais necessária quando identificamos que os episódios de massacres se tornaram, no Brasil, cada vez mais recorrentes. O ano de 2023, por exemplo, foi marcado por sucessivos eventos dessa violência em instituições educativas, denunciando problemas de convivência e o adoecimento causado em toda a comunidade escolar. Dados de pesquisa apontam que no ano anterior foram mais de uma dezena de ataques caracterizados como massacres, vitimando educadores e estudantes de variadas formas, inclusive através de assassinatos (Brasil, 2023). Desse olhar caleidoscópico, nos debruçarmos sobre uma forma específica de violência escolar, os massacres em escolas brasileiras, buscando compreender sua gênese, suas manifestações e variadas explicações.

2.2 MASSACRES EM ESCOLAS BRASILEIRAS: O QUE SABEMOS ATÉ O PRESENTE MOMENTO?

O massacre ocorrido na Columbine High School, em 20 de abril de 1999, é um dos mais emblemáticos da história estadunidense e mundial. Esse episódio de violência extrema realizado por dois perpetradores de 17 e 18 anos resultou na morte de 13 pessoas e deixou 24 feridos, impactando profundamente em toda a comunidade escolar, bem como a sociedade civil de todo o mundo. A propagação das características desse ataque deu início a outros episódios de violência extrema em instituições de ensino no mundo inteiro. No Brasil, os massacres em escolas são manifestações contemporâneas, assumindo novas proporções, tendo como marco temporal o século XXI (Gonçalves, Silva e Nascimento, 2020).

Apesar de ser um fenômeno recente no Brasil, é necessário reconhecer o plano cultural em sua propulsão. Desse modo, a análise e caracterização podem assumir outras vias além da psicopatologia (Gonçalves et al. 2021), reconhecendo que há elementos que são sociais, relacionais, políticos, educacionais e psíquicos. Tudo isso alimenta o que se tem nomeado como cultura de violência, possibilitando as associações entre esses episódios e outros problemas de convivência, tais como: o preconceito, a discriminação, o machismo etc.

O primeiro caso de massacre em território nacional ocorreu em 2002, no Colégio Sigma, uma instituição particular na Bahia. Em seguida, tivemos o ataque à Escola Estadual Coronel Benedito Ortiz em Taiúva-SP, em 2003, que deixou oito feridos e resultou na morte do perpetrador. Em 2008, ocorreu o ataque à Escola Estadual de Cariacica/ES, deixando uma vítima ferida.

No ano de 2011 tivemos, no Brasil, o primeiro episódio de massacre que atingiu repercussão nacional, comovendo o país pela sua alta letalidade e premeditação do ato. Segundo Gonçalves, Silva e Nascimento (2020), o massacre ocorrido na escola municipal carioca Tasso da Silveira, chocou a sociedade, por ter sido realizado por um ex-aluno da instituição, de forma premeditada e planejada, culminando em 13 vítimas fatais. Esse episódio, também, engloba entre as vítimas o perpetrador, através do suicídio.

Após o episódio, se tomou conhecimento da escrita de uma carta, conhecida de forma póstuma, cujo texto produzido pelo autor dos crimes realça sua relação de sofrimento vivida na escola escolhida como o palco para o massacre. Sendo egresso da instituição e, ainda, evidenciando os maus tratos que havia vivido dentro dela, o perpetrador provoca-nos a pensar na relação direta entre as variadas formas de violência escolar. Isso porque as instituições não

são escolhidas aleatoriamente para as chacinas, de modo que são intencionalmente selecionadas numa perspectiva de reparação da honra.

A partir desse caso, o fenômeno foi se tornando cada vez mais frequente no Brasil, de modo que entre 2011 e 2022 foram contabilizados outros 15 novos casos, tendo entre eles o episódio de Suzano-SP como o de maior repercussão nacional.

Quadro 1- Massacres ocorridos no Brasil entre 2011 e 2022

ANO	INSTITUIÇÕES ATACADAS
2011	Escola Municipal Professora Alcina Dantas Feijão - SP
2012	Escola Estadual Enéas Carvalho - PB
2017	Colégio Goyases - GO
2018	Colégio Estadual João Manoel Mondrone - PR
2019	Escola Estadual Raul Brasil - SP
	Instituto Estadual Assis Chateaubriand - RS
	Escola Estadual Orlando Tavares - MG
2021	Colégio Dom Bosco - SP
	Escola Infantil Pró-Infância e Aquarela - SC
2022	Escola Municipal Brigadeiro Eduardo Gomes - RJ;
	EMEF Eber Louzada Zippinotti - ES;
	Escola Municipal Eurides Sant'Anna - BA;
	Escola Estadual Professora Carmosina Ferreira Gomes - CE;
	EEEFM Primo Bitti e Centro Educacional Praia de Coqueiral (CEPC) - ES
	Escola Estadual Professor Júlio Mastrodomênico - SP

Fonte: Adaptado de Langeani, 2023, p. 20-21

Os episódios em ascensão tornaram-se ainda mais frequentes em nosso país no ano de 2023, de modo que no primeiro semestre deste ano ocorreram nove casos de violência extrema. Tais casos aconteceram na Escola Estadual Thomazia Montoro - SP (27/03/2023); Escola Estadual Palmira Gabriel - PA; Creche Cantinho Bom Pastor - SC (05/04/2023); Instituto Adventista de Manaus - AM (10/04/2023); Colégio Estadual Dr. Marco Aurélio - GO (11/04/2023); Escola Municipal Isaac de Alcântara - CE (12/04/2023); Escola Bernardo Franco Baís - MS (18/05/2023); Escola Djalma Matheus - AL (23/05/2023); Colégio

Estadual Professora Helena Kolody - PR (19/06/2023), alvo de um ataque perpetrado por um ex-aluno, resultando na trágica morte de duas vítimas.

A vinculação entre os perpetradores e a instituição atacada demonstra o quanto esse espaço é significativo para ser escolhido como alvo da violência, de modo que os alunos e ex-alunos que retornam às suas escolas para cometerem esses ataques apontam a ausência de uma ligação positiva no vínculo construído com o ambiente e a comunidade escolar. Segundo Vieira; Mendes; Guimarães (2009), os transgressores dos episódios de Columbine, assim como de Virgínia Tech, foram classificados como excluídos, sendo vítimas de bullying. Esse é o mesmo cenário encontrado nos casos brasileiros (Brasil, 2023).

Além de serem possíveis vítimas de eventos traumáticos durante o período escolar, os perpetradores dos ataques às escolas brasileiras apresentam um perfil semelhante: jovens brancos e do sexo masculino. No Brasil apenas três ataques, incluindo os inventariados em 2023, foram perpetrados por pessoas que não tinham relação com a escola, sendo eles: Escola Infantil Pró-Infância e Aquarela - SC (04/05/2021), Creche Cantinho Bom Pastor - SC (05/04/2023) e Escola Djalma Matheus - AL (23/05/2023).

Diante dessas características, reconhecemos que as ações violentas se fundamentam em elementos culturais androcêntricos, patriarcais e misóginos, legitimados com o uso da força para vencer conflitos, reforçando assim, a violência para a manutenção das relações de dominação (Carvalho, 2021). Além da relação com a cultura escolar e a masculinidade tóxica, temos a problemática envolvendo o culto às armas de fogo e o uso da força como manifestação de uma masculinidade ideal. Isso decorre, “de uma perspectiva psicossocial e cultural, os massacres em escolas podem ser explicados graças à busca de reparação da honra (Andrade; Gonçalves; Nascimento, 2024, p.2)”.

Os casos analisados por Gonçalves, Silva e Nascimento (2020) realçam, ainda, uma outra problemática em questão: em metade dos casos a origem das armas usadas para a execução dos massacres eram de suas próprias famílias por serem filhos de militares. Mantendo o fácil acesso às armas de fogo, envoltos em uma cultura de violência e, ao não se sentirem pertencentes à comunidade, esses jovens procuram na internet a conexão com sujeitos que possuem ideologias semelhantes numa busca por pertencimento e valor, que culminam no planejamento e realização dos ataques.

Isso porque, a invisibilidade acarreta imersão dos jovens do sexo masculino em ideologias de ódio às minorias, compreendendo os ataques como uma prática de justiça supremacista que se propõe a “purificar a sociedade”. A inserção desses jovens em fóruns

anônimos também decorre da ausência do uso de ferramentas de monitoramento pelos responsáveis, pois “o que percebemos é que os pais, guardiões e outros usuários dificilmente conhecem ou fazem uso dessas funcionalidades” (Brasil, 2023, p.69).

Tudo isso é, ainda, atrelado a um vazio existencial que toma conta das experiências de vida de jovens perpetradores de massacres. Essa falta de sentido em suas próprias vidas leva esses jovens a cometerem suicídio no fim dos ataques, fato que nos provoca La Taille (2016, p.32): “eram pessoas que queriam morrer. Matar, sim, mas também morrer”. Mediante a essa realidade, os perpetradores entram para o número de vítimas de seus atos, encontrando - nas redes sociais e cobertura jornalística - um modo de propagar suas motivações, sendo uma oportunidade de reconhecimento e captação de novos membros para os fóruns extremistas. Desse modo, os ataques violentos colocam em evidência jovens que foram inviabilizados e excluídos por sua comunidade (La Taille, 2016), que encontram em suas chacinas a esperança de serem reconhecidos de forma valorosa, mesmo que postumamente.

Embora concordemos que os comportamentos violentos se relacionam com elementos culturais - inclusive associados ao bullying, ao acesso à arma de fogo e à presença em fóruns ou jogos eletrônicos - consideramos que há outras variáveis necessárias para compreensão de um fenômeno complexo como o que aqui está em análise. As questões relacionadas à dimensão psicológica, através da moral e ética, precisam ser consideradas, posto que reconhecemos que a escola é, também, um lócus privilegiado de construção identitária.

A análise psicológica dos massacres apresentada por La Taille (2016) encontra na cultura da vaidade e do tédio uma variável explicativa. Ele discorre que numa cultura do tédio há uma tendência da perda de sentido na vida e, assim, o suicídio se constitui como possibilidade. Por outro lado, em uma cultura da vaidade, na qual o status e o poder é imperativo, o indivíduo quando se sente como um fracassado, procura a validação e reconhecimento da sociedade, resultando na midiáticação dos ataques pelos próprios perpetradores. (La Taille, 2016)

Considerando a multicausalidade que marca os massacres em escolas e, ainda, a dimensão identitária presente nos processos educacionais de crianças e adolescentes, defendemos que as escolas possuem um papel importante no enfrentamento desse tipo de violência, pois é função dela educar para uma convivência ética.

No entanto, para criar um ambiente de convivência salutar é essencial que esse espaço seja democrático e inclusivo, de modo que estudantes se sintam acolhidos e pertencentes. Diante disso, as escolas juntamente com outras redes de proteção, desempenham um papel

fundamental na prevenção de casos de violência extrema e em sua intervenção. Assim, dada a sua importância formativa para a uma educação na perspectiva ética, se faz necessário compreender o seu papel e dos educadores na prevenção de novos ataques.

2.3 O PAPEL DA ESCOLA DIANTE DOS CASOS DE VIOLÊNCIA EXTREMA

Sendo a escola um local heterogêneo, a convivência com pessoas diferentes pode gerar conflitos, assim como a organização do próprio ambiente educativo quando desconsideram os estudantes e docentes nas tomadas de decisões. Contudo, segundo apontam Vinha et al. (2017) as instituições não se percebem, enquanto promotoras de conflito e, sem essa autoanálise, acabam não buscando soluções para uma convivência democrática na qual ela se responsabilize. A prevenção de casos de violência extrema demanda uma nova postura da comunidade escolar, visto que a convivência ética deve ser promovida no dia-dia por meio das práticas curriculares.

Segundo Ortega Ruiz; Rey Alamillo (2002), a escola é lócus de convivência e, por isso, não pode estar centrada apenas em saberes científicos, devendo considerar a formação integral dos sujeitos. Isso abarca a dimensão da personalidade individual e social de todos. Essa ação também deve considerar o docente, pois também são afetados pela qualidade da convivência e, ainda, podem afetar as relações interpessoais na escola. Em ambientes institucionais violentos, o abandono escolar, assim como adoecimento dos docentes, resulta na maior vulnerabilidade da rede de proteção, elemento importante para as crianças e jovens.

O fortalecimento da comunidade educativa na dimensão da resolução dos problemas de convivência, demanda o reconhecimento das relações interpessoais como parte do currículo das escolas, devendo ser inserido no projeto político pedagógico, no planejamento educacional e nos planos de ensino. Para tanto, urge que a questão seja vivenciada nas instituições educativas, tomando uma perspectiva democrática fundada no diálogo.

É importante considerar que o fortalecimento de uma cultura de diálogo não representa o fim dos conflitos no ambiente escolar. Contudo, se firma como uma mudança saudável de comunicação e expressão dos sentimentos, incentivando e promovendo a participação de crianças e jovens numa convivência ética, a fim de que todos possam se sentir pertencentes à escola através da construção de vínculos positivos.

De acordo com Vinha et al. (2017, p.99) “Construir uma escola em que a convivência pode ser qualificada como democrática é complexo porque implica em ações coordenadas

institucionais, curriculares e de transformação pessoal e relacional”. Essa complexidade se intensifica devido à ausência de formação inicial e continuada relacionada à educação sociomoral para educadores(as). Para tanto, as formações precisam se estruturar não apenas no conhecimento de resoluções de conflitos, mas, também, no engajamento dos docentes em questões de convivência (Gonçalves; Silva; Nascimento, 2020).

Vale destacar, ainda, que o enfrentamento da violência não pode ser visto exclusivamente como ações internas às escolas. O envolvimento deve ser estendido aos órgãos colegiados e aos demais órgãos da rede de proteção; a atuação conjunta desses diferentes setores deve ser firmada visando à construção de uma escola segura, fortalecida por uma educação midiática contra a desinformação (Brasil, 2023).

Além disso, é imprescindível o cumprimento da Lei nº 13.935/2019, que garante a presença de profissionais da psicologia nas redes de educação básica, bem como da Lei nº 13.185/2015 e a Lei nº 13.663/2018, que firmam o compromisso com a prevenção e combate ao bullying, sendo a legislação sancionada em 2018 responsável por inserir tal atribuição enquanto incumbência dos estabelecimentos de ensino.

Os crescentes casos de massacres intensificaram a urgência na criação e implementação de uma política nacional de convivência escolar, exigindo, também, o fortalecimento de grupos minoritários e muitas vezes excluídos do sistema educacional, como as juventudes negras, quilombolas, indígenas e ribeirinhas (Cara et al., 2022). Isso reafirma que a construção de uma convivência ética e a prevenção de ataques de violência extrema demandam a democratização do espaço escolar, assim como o engajamento de toda a sociedade na seguridade do bem-estar coletivo dentro dos ambientes educacionais.

3. METODOLOGIA

O presente trabalho buscou desenvolver uma pesquisa qualitativa, do tipo exploratória, recorrendo à análise documental. A abordagem qualitativa adotada ao longo deste estudo segue a perspectiva defendida por Minayo (2002, p. 21-22), a qual expõe que este tipo de pesquisa “trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”.

Quanto aos procedimentos, a pesquisa possui um caráter exploratório, visto que “as pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar

conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores.” (Gil, 2008, p.27).

O recorte temporal delimitado para investigação foi o período de janeiro a dezembro de 2023, a fim de considerar as influências do contexto histórico, cultural, social e político na ocorrência dos massacres.

No que se refere aos instrumentos para a coleta de dados, foi utilizada a análise documental, tendo como fonte de informação reportagens exibidas em jornais digitais de grande circulação nacional: Folha de São Paulo e Estadão. Além disso, fizemos uso do relatório do Ministério da Educação – Ataques às Escolas no Brasil: análise do fenômeno e recomendações para a ação governamental (Brasil, 2023).

Para composição do corpus de pesquisa, fez-se uso das palavras-chave “massacres em escolas”, “mortes em escolas”, “atentados em escolas”, “violência escolar” e “feridos na escola”. Como os dados compõem informações recentes, a cada novo caso surgido ao longo da pesquisa se inseriram, também, aqueles noticiados de forma massiva, considerando como elemento para composição dos dados os ataques às escolas brasileiras que tiveram vítimas feridas ou fatais.

Os dados foram analisados considerando a análise de conteúdo de Bardin (1970). Dito isso, fez-se, num primeiro momento, a leitura flutuante por todo o vasto escopo dos achados, através da qual localizamos um total de treze ataques. Na sequência, criamos as categorias de análise, as quais foram: gênero, relação entre as escolas atacadas e as vítimas dos massacres, práticas de bullying ou outro tipo de maus tratos, tipo de armas utilizadas, regiões onde aconteceram os ataques e, ainda, os discursos midiáticos explicativos para os episódios.

Os dados foram analisados seguindo os critérios da análise categorial, recorrendo à análise da enunciação defendida por Bardin (1977). Assim, realizou-se uma análise a partir dos contextos de significados que emergem nos documentos aqui em discussão, tratando dos conteúdos latentes que ficaram expressos nas reportagens que divulgam os casos de massacres às escolas ocorridos em 2023 no território brasileiro.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

4.1. INVENTARIANDO OS EPISÓDIOS DE MASSACRES OCORRIDOS NO BRASIL EM 2023

O ano de 2023 chamou atenção nacionalmente por contemplar uma recorrência de casos de violência extrema nas escolas brasileiras, criando pânico social e ampla mobilização de pesquisadores e instituições governamentais na compreensão desse fenômeno de crescimento vertiginoso.

Figura 1 - Linha do tempo dos massacres ocorridos em 2023



Fonte: Elaborado pela autora

Conforme apresentado na Figura 1, treze episódios de massacres ocorreram no Brasil em 2023. O quantitativo, expressado na linha do tempo, reverbera a discussão levantada por Abramovay (2002), visto que, as escolas, antes percebidas como espaço seguro, passaram a ser palco de ocorrências violentas.

O primeiro caso registrado em 2023 ocorreu na Escola Estadual Thomazia Montoro, em São Paulo, no dia 27 de março. O perpetrador do gênero masculino, aluno da instituição, tinha 13 anos e estava matriculado no 8º ano do ensino fundamental. No momento do ataque usava uma máscara de caveira e uma faca.

O ataque deixou 5 feridos, dois alunos e três professoras, vitimando fatalmente uma professora de 71 anos. Tendo como referência o episódio ocorrido em Suzano, o perpetrador divulgava episódios de violência extrema e armas de fogo em suas redes sociais, sendo transferido da sua escola anterior por essas ameaças. O modo como o ataque de Suzano foi premeditado e divulgado repercute até hoje, visto que esses conteúdos são elaborados a fim de inspirar outros jovens, se tornando uma propaganda do ódio (Cara et al., 2022). Assim, conforme o depoimento coletado pela Polícia, o perpetrador era alvo de bullying nas instituições de ensino que estudou e, ainda, participava da True Crime Community (Oliveira; Costa; Azevedo, 2023).

O segundo ataque ocorreu na escola Estadual Palmira Gabriel, localizada em Belém (PA), no dia 30 de março de 2023. Foi realizado por um aluno, cujas informações sobre idade e perfil não foram localizadas, culminando em uma vítima ferida. Para este episódio, que não terminou com vítimas fatais, não há detalhes da composição do perfil no escopo dos materiais por nós analisados.

A Creche Cantinho Bom Pastor, em Blumenau (SC), foi a terceira instituição atacada em 2023, sendo o crime realizado em 05 de abril por um jovem de 25 anos, cuja história pessoal não se relaciona com a da escola particular. De forma aleatória, ele adentra a instituição, resultando numa chacina que vitimou fatalmente quatro crianças, deixando feridas outras cinco. A arma principal desse crime foi uma machadinha.

O Instituto Adventista de Manaus (AM), instituição particular atacada em 10 de abril de 2023, foi o quarto episódio de violência extrema, através de um ataque praticado por um aluno da instituição, de 13 anos. As armas utilizadas foram: armas brancas e coquetel molotov. O episódio finalizou com três feridos, sendo duas estudantes e uma professora. De acordo com relato do responsável por uma das vítimas, anteriormente ao ataque, sua filha teria separado uma briga envolvendo o estudante, informando também o conhecimento da escola sobre o seu comportamento. O perpetrador estava inserido na True Crime Community (Oliveira; Costa; Azevedo, 2023).

Na cidade de Santa Tereza de Goiás (GO), o Colégio Estadual Dr. Marco Aurélio tornou-se mais um dos palcos de violência extrema no Brasil, sendo o quinto episódio. No dia 11 de abril de 2023, um aluno da instituição, com idade de 13 anos, usou uma faca para ferir três colegas. O perpetrador foi contido por uma professora até a chegada da polícia militar. Apesar da motivação para o crime não ter sido divulgada nas notícias encontradas, o perpetrador participava da True Crime Community (Oliveira; Costa; Azevedo, 2023).

No caso de Farias (CE), ocorrido em 12 de abril de 2023, na Escola Municipal Isaac De Alcântara, temos o sexto massacre de 2023. O perpetrador de 14 anos, estudante do 9º ano, feriu duas colegas da mesma turma com um objeto cortante não especificado nas notícias. A motivação também não foi noticiada. Esse ataque compôs um episódio de pânico generalizado no Brasil, visto que apenas no mês de abril foram quatro casos, caracterizando um “efeito onda”. Esses crimes por imitação que ocorrem seguidos, têm início em 2017 no Brasil. Contudo, o fenômeno acontece expressivamente em 2023 (Brasil, 2023).

A Escola Bernardo Franco Baís, em Campo Grande (MS), se tornou palco de uma violência extrema praticada por um ex-aluno de 15 anos, sendo o sétimo ataque. Com isso, no

dia 18 de maio, o jovem adentrou a escola ferindo uma mulher de 46 anos, atingida por golpes de faca pelo perpetrador na porta da escola. A vítima era mãe de um aluno.

O episódio de Arapiraca (AL), ocorrido em 25 de maio de 2023 na Escola Djalma Matheus, é o oitavo ataque. O perpetrador era um paciente psiquiátrico de 19 anos sem relação com a instituição. A arma utilizada foi uma garrafa de vidro que atingiu o porteiro da escola, um homem de 47 anos. Não se tem informação sobre a motivação do perpetrador.

Em Cambé (PR), o ataque ao Colégio Estadual Professora Helena Kolody ocorreu no dia 19 de junho de 2023, sendo o nono caso. O perpetrador, um ex-aluno de 21 anos, vestido com uma capa preta, portava uma arma de fogo calibre 38. As vítimas fatais foram um casal de namorados. Na motivação apresentada em depoimento, o perpetrador afirmou ter sido alvo de bullying na instituição de ensino e, devido a isso, planejou o ataque por meses.

A escola Estadual Arlindo Fávaro, localizada no Leme (SP), foi alvo do décimo ataque às escolas no Brasil em 2023, tendo ocorrido no dia 19 de novembro. Um aluno da instituição de 16 anos, responsável por perpetrar essa violência, utilizou um martelo, ferindo outra estudante de 17 anos. Em depoimento, relatou ter intenção de realizar um massacre, afirmando não ter feito mais vítimas por ter sido contido.

O ataque à Escola Profissional Dom Bosco em Poços de Caldas (MG), instituição particular, ocorreu no dia 10 de outubro de 2023 e foi o décimo primeiro episódio. O perpetrador, um estudante de 14 anos, ex-aluno da escola, usou uma faca para ferir um aluno e outras duas estudantes (duas com 13 anos e outra de 17 anos). Além disso, esse episódio terminou com uma vítima fatal: um estudante de 14 anos. Quanto à motivação, o perpetrador destaca ter sido alvo de bullying na instituição no período em que estudara nela.

Na cidade de São Paulo ocorreu, no dia 23 de outubro de 2023, o ataque à Escola Estadual Sapopemba, sendo o décimo segundo ataque. De acordo com a mídia, a instituição tem quase 2000 estudantes matriculados. O perpetrador, um jovem de 16 anos, era aluno matriculado no 1º ano do ensino médio na própria instituição. A arma utilizada foi um revólver calibre 38, que pertencia ao pai do perpetrador. Em depoimento, o autor do massacre confessou ter aprendido a usar armas através de vídeos disponibilizados pela internet. Entre os feridos no ataque constam duas estudantes de 15 anos e uma vítima fatal. Segundo notícias, o jovem teria utilizado a plataforma do Discord para afirmar que o ato o faria se sentir poderoso.

Para além do fácil acesso às armas de fogo, denunciado através desse episódio em Sapopemba, é necessário reafirmar que escolas com um grande quantitativo de alunos

matriculados enfrentam maiores dificuldades em identificar casos de bullying e maus tratos, assim como dificulta a formulação de ações de enfrentamento (Gonçalves; Silva; Nascimento, 2021). O ataque teve grande notoriedade devido às redes sociais X, Instagram e Tik Tok, nas quais vídeos sobre a relação do perpetrador com colegas de turma e amigos foram divulgados. Episódios de massacres atingem não apenas as vítimas e a comunidade escolar, mas toda a sociedade. Neste caso, ao atingir o corpo social, a violência passa consequentemente a ser resposta para ataques (Pino, 2007).

O último ataque brasileiro executado em 2023, aconteceu no dia 25 de outubro em Fortaleza (CE), na escola de ensino médio Liceu Do Conjunto Ceará. O perpetrador, aluno da instituição, atacou uma estudante do 3º ano com uma faca, deixando-a ferida. A motivação, assim como mais informação sobre o ataque, não foram encontradas.

4.2. MASSACRES E O PAPEL DA ESCOLA? QUAIS FORAM AS INSTITUIÇÕES ATACADAS? QUAIS AS RELAÇÕES DELAS COM OS PERPETRADORES?

Quadro 2 - Ataques de violência extrema em 2023

Nome das instituições	Tipo	Relação com a escola
Escola Estadual Thomazia Montoro	Pública	Aluno
Escola Estadual Palmira Gabriel	Pública	Aluno
Creche Cantinho Bom Pastor, em Blumenau	Particular	Sem relação
Instituto Adventista De Manaus	Particular	Aluno
Colégio Estadual Dr. Marco Aurélio	Pública	Aluno
Escola Municipal Isaac De Alcântara	Pública	Aluno
Escola Bernardo Franco Baís	Pública	Ex-aluno
Escola Djalma Matheus	Pública	Sem relação
Colégio Estadual Professora Helena Kolody	Pública	Ex-aluno
Escola Estadual Arlindo Favaro	Pública	Aluno
Escola Profissional Dom Bosco	Particular	Ex-aluno
Escola Estadual Sapopemba	Pública	Aluno
Escola de ensino médio Liceu Do Conjunto Ceará	Pública	Aluno

Fonte: Dados da pesquisa

O ano de 2023 foi marcado por treze instituições atacadas, dentre essas, sete estaduais, três municipais e três particulares. Diante deste dado, se faz necessário uma discussão a partir da relação entre as instituições e os perpetradores. A escolha de suas escolas expõe o ressentimento e a busca por vingança relatado nas motivações por trás dos massacres escolares, assim como o destaque alcançado nas mídias através desses atos (Brasil, 2023). Em razão disso, demonstram a vulnerabilidade do vínculo com a escola, sendo esse o seu lócus de sofrimento e, portanto, de escolha para os ataques.

Esse ressentimento, apesar de estar atrelado a instituição educativa, também é direcionado a comunidade na qual o perpetrador está inserido, demonstrando uma fragilidade não só no vínculo com a escola, mas na relação com os colegas e os responsáveis. Sendo assim, é possível compreender os ataques enquanto resultado de um processo iniciado em suas interações escolares, amplificado a partir da convivência escolar (Vieira; Mendes; Guimarães, 2009).

Entre os treze perpetradores dos massacres ocorridos no Brasil em 2023, oito eram alunos da instituição e três egressos delas. Ou seja, apenas dois, entre treze autores de violência, escolheram aleatoriamente as instituições. Onze deles, diferentemente, elegeram suas próprias escolas para a prática de uma violência extrema. A ruptura no vínculo entre escola e perpetrador pode ser ocasionado devido às relações entre pares, déficit no quadro de educadores, na estrutura e até mesmo na qualidade do ensino, visto que esses problemas não se apresentam isolados em escolas violentas e favorecem outros tipos de violência (Gonçalves, Silva, Nascimento, 2020).

Ainda que a violência também seja condicionada pelo tipo de sociedade em que estamos inseridos, a organização, regras e relações interpessoais vivenciadas no ambiente escolar, assim como a prática de ensino cotidiana, constituem esse ambiente violento em que ocorre a falta de prazer e sentido na escola, traços de favorecimento de alunos violentos (Charlot, 2002). Outros fatores sociais, políticos e psicológicos atravessam as motivações dos perpetradores, como os episódios dos ataques ocorridos na Creche Cantinho Bom Pastor e Escola Djalma Matheus que não possuíam relação entre perpetrado e instituição atacada.

Os episódios de violência extrema ocorridos no Brasil e, ainda, “efeito contágio” manifesto em abril do ano aqui em análise, demonstram a extrema necessidade de uma comunidade escolar articulada a fim de possibilitar uma formação humana para a convivência. Considerando o ambiente escolar não apenas como um âmbito de instrução para conteúdos normativos, mas como um espaço adocedor para estudantes e docentes (Ortega;

Del Rey, 2002). Por isso, é necessária a construção de um espaço no qual as crianças adolescentes se sintam pertencentes e participem do desenvolvimento de uma convivência ética (Tognetta, Froda, Boni, 2020).

De acordo com Dados divulgados no Anuário Brasileiro De Segurança Pública em 2023, 37,6% dos diretores escolares relataram a ocorrência de situações que podem ser caracterizadas como bullying nas instituições educativas. Em jovens que estão construindo a sua identidade, essa ausência de valor entre os pares, em paralelo com questões relacionadas com a desigualdade de gênero e a masculinidade tóxica, podem torná-los mais vulneráveis ao culto às armas e a valorização da violência como estratégia legítima de resolução de conflitos.

Além das motivações apresentadas, as notícias aqui analisadas expressam com frequência termos “bullying” “maus tratos” e “ódio” nas explicações para os massacres, retratando as instituições atacadas também como produtoras de violência.

No ataque em Sapopemba, juntamente ao bullying, o perpetrador sofreu, ainda, o cyberbullying. Em entrevista à Folha de São Paulo, a mãe de um estudante da instituição alega que o vídeo de uma briga do perpetrador era usado frequentemente para humilhá-lo (Palhares, Lima Neto; Kruse, 2023). Isso expressa que, sendo utilizada como meio de interação social, as redes sociais podem acentuar os problemas de convivência, por meio de preconceito ou provocações (Brasil, 2023).

Invisíveis para os seus responsáveis, professores e colegas, os autores dos massacres brasileiros encontraram um meio na violência para serem vistos (La Taille, 2016). Os casos de bullying, verificados nessas cinco instituições, denunciam a cultura do tédio como fortemente vivenciada por esses adolescentes, despertando sentimentos como desespero, raiva e o silenciamento decorrente da superioridade exercida por aqueles que praticam os maus tratos.

Diante disso, torna-se necessário espaços educativos estruturados para a equidade, demandando uma mudança na cultura escolar e engajamento dos educadores em compreender esse fenômeno e articular junto à comunidade a superação dessa problemática (Gonçalves, Silva, Nascimento, 2020). Não sendo somente o local onde acontecem os massacres, é necessário a responsabilização das escolas frente ao distanciamento desses alunos e ex-alunos durante o seu período escolar.

4.3. ATAQUES EM ESCOLAS E CULTURA DA MASCULINIDADE TÓXICA: QUEM SÃO OS PERPETRADORES, AS VÍTIMAS E AS BASES QUE SUSTENTAM ESTAS VIOLÊNCIAS?

A cultura de violência presente no Brasil faz parte de fatores e características da nossa história social. Por ser um problema de toda a sociedade, ela repercute no ambiente escolar e nos jovens (Pino, 2007). Embora o autor apresente um panorama da violência de modo geral, a cultura da masculinidade tóxica, assim como a violência de gênero tem suas raízes em nossa construção social. Afinal, desde a invasão dos portugueses as mulheres indígenas e escravizadas sofrem com a exploração e violência sexual, concentrando nos homens a força e poder. Na contemporaneidade, a misoginia e machismo são potencializados por redes extremistas, voltadas a reproduzir uma cultura machista e misógina.

Partindo dessa perspectiva cultural, uma das variáveis que contribuem para as explicações dos massacres escolares é a busca por reparação de honra associada aos valores construídos socialmente (Andrade; Gonçalves; Nascimento, 2024). Esse modelo cultural de masculinidade tóxica está presente em todos os episódios de violência extrema ocorridos no Brasil em 2023, sendo seus autores - todos do sexo masculino com idades de 13 a 25 anos – pessoas que buscam na força a reparação da honra.

Sendo uma expressão da masculinidade marcada histórica e culturalmente, as normas e valores masculinos estão expressos em violências individuais, institucionais e estruturais (Carvalho, 2012,). Essa relação de poder e estrutura mantém a sociedade patriarcal por intermédio de elementos tóxicos encontrados no modo como os sexos e gêneros se tensionam socioculturalmente, construindo, dessa forma, uma hierarquização entre masculino e feminino.

A associação entre a cultura de masculinidade tóxica e os perpetradores dos massacres, possibilita a compreensão do perfil desses jovens e das vítimas. O quantitativo de feridos e mortos chegam a 30, sendo 21 do sexo feminino. Esse número demonstra como os padrões machistas e misóginos estão presente em todos os elementos dos atentados às escolas brasileiras, tendo as violências sido praticadas por jovens do sexo masculino, vitimizado, majoritariamente, o feminino.

Em uma cultura androcêntrica as ações moralmente desengajadas não passam por um processo de autoavaliação e autossanção (Andrade; Gonçalves; Nascimento, 2024, p.4). Segundo os autores, nesse modelo cultural, a reparação de honra é utilizada enquanto

justificativa para o uso legítimo da violência na resolução de conflitos. O uso da força e virilidade se tornam fundantes na identidade dessas crianças e jovens, recorrendo à violência extrema como meio para alcançar essas características e conseguirem visibilidade.

O massacre na Escola Municipal Tasso da Silveira, um dos mais emblemáticos, evidencia como o ódio às mulheres é um dos motivadores para a realização dessas ações. O perpetrador, mesmo sendo alvo de bullying por colegas do sexo masculino, escolhe como suas principais vítimas pessoas do sexo feminino (Lopes, 2012). Tal escolha é reproduzida pelos perpetradores das 13 instituições brasileiras atacadas, evidenciando a natureza misógina dos massacres, manifesta desde a premeditação até o acontecimento.

Essa violência incentivada pela dimensão do gênero nas escolas é um exemplo do que aponta o Anuário Brasileiro de Segurança Pública em 2023, quando destaca o crescimento de todas as formas de agressão contra a mulher. De acordo com Bueno et al. (2023), um estudo do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, destaca como um dos fatores para esse aumento a crescente onda de crimes de ódio e ascensão do ultraconservadorismo no país.

Tendo em vista a urgência em debater essa cultura androcêntrica e os elementos que sustentam estas violências, reconhecemos que a escola assume um papel central, por ter em sua dimensão política a formação cidadã e ética. Visando a diminuição na recorrência dos massacres, é necessário um trabalho curricular capaz de abordar os problemas de convivência que muitas vezes não são evidentes nas relações entre pares e, ainda, que tire do escuro elementos sociais potencializadores da violência (Gonçalves, Silva, Nascimento, 2020).

4.4. ATAQUES ÀS ESCOLAS E O EXTREMISMO NO BRASIL

Ao buscar uma motivação para os ataques, o bullying e outras violências ganharam destaque ao serem precedentes determinantes para a existência de problemas de convivência no ambiente escolar. Contudo, fatores externos às escolas, como a valorização bélica, o extremismo e a glorificação da violência também foram reconhecidos como elementos que contribuem para o crescente número de ataques registrados (Brasil, 2023). Atuando como uma problemática social estrutural, o planejamento e a realização dos ataques se relacionam com o extremismo, embora essa conexão não esteja explícita nas motivações relatadas nos textos dos jornais.

No Brasil, esse extremismo vem sendo incentivado por uma indústria armamentista e interesses políticos a partir de discursos que sustentam a arma de fogo como necessária para

garantia da honra e “legítima defesa” dos cidadãos. Contudo, apesar de estar atrelado a alegações de liberdade e segurança, a circulação irregular e até mesmo desenfreada aumenta o a violência e traz formas extremas de sua manifestação. (Gonçalves, Silva, Nascimento, 2020).

O artigo 7 do Decreto nº 9.846 de 25 de junho de 2019 foi uma das manobras para facilitar o uso de armas de fogo no Brasil, permitindo que jovens entre quatorze e dezoito anos possam praticar tiro desportivo. Essa política armamentista no país, estimulada por autoridades públicas, fere direitos fundamentais de crianças e adolescentes, além de resultar no descontrole dos órgãos responsáveis por fiscalizar e controlar a posse de arma de fogo (Cara et.al., 2022, p.29). Sendo uma problemática cultural atrelada a características presentes no perfil dos perpetradores, essas políticas estimulam o uso de armas de fogo pela sociedade civil como um meio de garantir a segurança, indo de desencanto às conquistas realizadas após aprovação do Estatuto do Desarmamento em 2003.

Segundo dados do Anuário Brasileiro De Segurança Pública em 2023, em comparativo com o ano de 2017, em 2022 tivemos o crescimento de 144,3% de armas de fogo com registros ativos. Em uma sociedade com uma cultura de violência como a nossa, a circulação descontrolada de armas de fogo, tem por consequência o aumento na vulnerabilidade de crianças, adolescentes e mulheres em todo o país. Sendo assim, a proibição e controle de armas e munições é uma medida imprescindível para a prevenção de atentados às escolas. Ademais, é necessário reafirmar o papel da escola no fortalecimento de uma cultura de diálogo e no desenvolvimento de uma formação sociomoral e informacional para crianças e adolescentes, necessitando de investimento governamental para a melhoria estrutural e pedagógica das instituições de ensino.

Conforme o relatório final do Ministério da Educação – Ataques às Escolas no Brasil: análise do fenômeno e recomendações para a ação governamental (Brasil, 2023), as armas de fogo foram responsáveis por 38 das 49 mortes em massacres escolares, devido a sua letalidade. Nos ataques analisados em 2023, dois foram cometidos com o uso de armas de fogo, em específico o revólver calibre 38. A origem da arma utilizada no Colégio Estadual Professora Helena Kolody é desconhecida, diferentemente do episódio ocorrido na Escola Estadual Sapopemba na qual a arma pertencia ao pai do perpetrador. A facilitação do acesso a armas de fogo para crianças e jovens deve ser encarado como um problema a ser enfrentado, inclusive em casos de massacres escolares (Gonçalves, Silva, Nascimento, 2020).

Consolidada na socialização do sexo masculino, a glorificação ou banalização de atos

violentos fomenta em respostas desengajadas de um valor moral. Assim como o registro de uma conversa no Discord entre o perpetrador do ataque em Sapopemba e outro usuário analisado pelo jornal Folha de São Paulo, em que adolescente afirma que busca “se sentir poderoso” e “ter o poder de controlar o tempo que a pessoa vai ficar viva” (Menon, 2023).

A necessidade de demonstração de força, superioridade e ausência empática apresentado no diálogo representa a dimensão moral discutida por La Taille (2016), realçando a ausência de um senso regulador, assim como a busca por visibilidade. Esses fóruns digitais e plataformas que permitem o anonimato, a exemplo do Discord, são meios utilizados para captação de jovens vulneráveis que buscam pertencimento (Botão; Souza; Ribeiro, 2019).

Para isso, os organizadores recorrem às imagens, memes e vídeos que incitam discursos de ódio e o enaltecimento de perpetradores (Cara et al., 2022). A imersão desses adolescentes em uma cultura de violência, termina por ocasionar a imitação de elementos de outros ataques, tal qual os episódios em São Paulo nos dias 27/03 e 23/10 em que a escolha da máscara de caveira é uma referência aos ataques de Suzano e Columbine.

Segundo o relatório de monitoramento desenvolvido por Oliveira; Costa; Azevedo (2023), os ataques ao Colégio Estadual Doutor Marco Aurélio, Escola Adventista de Manaus e Escola Thomazia Montoro foram provenientes da True Crime Community (TCC). O episódio em Sapopemba aconteceu após a publicação do estudo e, também, é proveniente desse tipo de subcultura. A busca por visibilidade faz com que esses jovens recorram às redes sociais para divulgação desses conteúdos e para o encontro de valorização.

Isso se torna ainda mais preocupante quando identificamos que o monitoramento de comunidades extremistas, nessas plataformas, é dificultado por não existir uma base de dados e armazenamento, ficando difícil o seu rastreamento (Brasil, 2023). Diante de massivas ameaças e desafios de monitoramento, destacamos o controle parental e a conscientização escolar como formas urgentes de frear a inserção de jovens nesses grupos.

Além da carência de uma educação informacional, esses grupos extremistas ganham força por meio de interesses políticos e discursos reacionários que buscam o controle das políticas públicas em diversas áreas (Brasil, 2023). O uso dessas plataformas, para fins políticos, foram meios utilizados em campanhas políticas, ocasionando uma onda de desinformações e discursos elaborados por um gabinete do ódio.

Desse modo, mesmo que se reconheça a multicausalidade que se ancora na gênese dos massacres, compreendemos a educação digital e o fortalecimento da cultura de paz como elementos fundamentais para a intervenção escolar diante dos casos de violência extrema em

nosso país.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os massacres em escolas são fenômenos multicausais ocasionados por elementos culturais, políticos, sociais, relacionais e educacionais. A sua recorrência em 2023 acontece após a escalada da extrema-direita ao poder em 2019, gerando o desmonte em políticas de gênero, de desarmamento e nos órgãos de proteção à criança e ao adolescente, assim como a perseguição e ataques aos profissionais da educação.

Isso se torna ainda mais evidente quando se analisa o perfil dos perpetradores, cujos dados revelam jovens do sexo masculino, brancos e associados a fóruns extremistas anônimos, que podem ter sido alvos de bullying e outros tipos de violência durante a trajetória escolar.

Essa relação entre o perpetrador e a instituição demonstra que o seu enfrentamento não está dissociado de uma mudança cultural tanto externa à escola como interna a ela.

Entretanto, no Brasil as ações aplicadas para restaurar as instituições atacadas ainda se concentram na implantação de sistemas de vigilância, detectores de metais e na presença de agentes de segurança armados. Tais caminhos desconsideram que a construção de uma escola segura deve se pautar em um projeto de nação fortalecido pelo monitoramento e controle de redes de ódio, proibição de armas e munições nas mãos de menores, assim como o investimento em políticas de proteção a mulheres, crianças e adolescentes.

Para isso, é necessário a inserção de uma política de convivência e fortalecimento da comunidade escolar, a partir de formação inicial e continuada de professores, voltadas à uma educação alicerçada por uma reestruturação curricular e orientada para a convivência ética em contextos escolares e midiáticos. As iniciativas governamentais para convivência precisam reforçar o cumprimento das legislações já vigentes e necessárias para a conscientização e prevenção do bullying, bem como a Lei nº 13.935/2019 para a garantia da presença de psicólogos na educação básica.

Em conjunto a essas ações, a valorização dos profissionais da educação e a melhoria na infraestrutura das escolas são imprescindíveis para a prevenção, intervenção e recuperação das instituições de ensino no Brasil, sendo necessário uma articulação entre os órgãos de proteção. Ademais, a coleta de dados sobre esse fenômeno no Brasil é dificultada mesmo após a criação do Programa Escola Segura, visto que os dados reunidos não são divulgados

para futuras pesquisas.

6. REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam. Violências no cotidiano das escolas as escolas. In: ABRAMOVAY, Miriam (org.). **Escola e violência**. Brasília: Unesco, 2002. p. 67- 86

ABRAMOVAY, M. et al. **Conversando sobre violência e convivência nas escolas**. Rio de Janeiro: FLACSO - Brasil, OEI, MEC, 2012.

ANDRADE, F.; GONÇALVES, C. NASCIMENTO, V. A ilusão de que ser homem bastaria: masculinidade tóxica e desengajamento moral no massacre de Suzano. **Cadernos de Gênero e Diversidade**, v. 9, n. 2, 2023.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Ed. 70, 1977.

BRASIL, Ministério da Educação. Grupo de Trabalho de Especialistas em Violência nas Escolas. **ATAQUES ÀS ESCOLAS NO BRASIL: análise do fenômeno e recomendações para a ação governamental**. Brasil, 2023

BOTÃO, Ana Cláudia Rodrigues; SOUZA, Juan Alejandro Tasso; RIBEIRO, Marislei da Silva. O Massacre de Suzano e a Cobertura Jornalística Nacional: uma Análise Baseada na Teoria da Espiral do Silêncio. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUL, 20, 2019, Porto Alegre. **Anais...** Rio de Janeiro: Intercom, 2019. p. 1-12. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/sul2019/resumos/R65-0402-1.pdf>. Acesso em: 20 out. 2023.

BUENO, Samira et al. **Visível e invisível: a vitimização de mulheres no Brasil**: sumário executivo. 4. ed. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2023. Disponível em: <https://publicacoes.forumseguranca.org.br/items/b04fc1a7-990f-4875-8e8c-f34a377b2b83>. Acesso em: 20 fev. 2024.

CARA, D.; PELLANDA, A.; SANTOS, C. de A.; DADICO, C. M.; MADI, F. R.; ORSATI, F. T.; MEATO, J.; OLIVEIRA, L.; ARONOVICH, L.; FRANCA, L.; FROSSARD, M.; SILVEIRA, P. da C. **O extremismo de direita entre adolescentes e jovens no Brasil: ataques às escolas e alternativas para a ação governamental**.

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa. Violências na escola: o que isso tem a ver com violências de gênero? In: ANDRADE, Fernando (Org). **Escola: faces da violência, faces da paz**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2021. p. 87-110.

CHARLOT, Bernard. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. **Sociologias**, n. 8, p. 432–443, jul. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/soc/a/fDDGftS4kF3Y6jfxZt5M5K/?lang=pt&format=html#>. Acesso em: 27 jul. 2023.

DEVINE, John. A mercantilização da violência escolar. In: DEBARBIEUX, Eric; BLAYA, Catherine (org.). **Violência nas escolas e políticas públicas**. Brasília: Unesco, 2002.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **17º Anuário Brasileiro de Segurança Pública**. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2023. Disponível em: <https://publicacoes.forumseguranca.org.br/items/6b3e3a1b-3bd2-40f7-b280-7419c8eb3b39>. Acesso em: 20 fev. 2024.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GONÇALVES, C. C.; SILVA, M. C. S. NASCIMENTO, V. F. Massacres em escolas: um estudo exploratório do cenário brasileiro. In ANDRADE, F. C. B.; GONÇALVES, C. (Orgs.). **Da violência à convivência: aprendendo e ensinando através dos conflitos na escola**. Curitiba: CRV, 2020, p. 15-34.

GONÇALVES, C. et.al. Resistências à educação em direitos humanos numa cultura de violência: desengajamentos morais, direitos humanos e massacres em escolas. In: ANDRADE, F.; GOMES, B. **Educação em Direitos Humanos: reflexão, pesquisa e intervenção**. Curitiba: CRV, 2021, p. 115-141.

LA TAILLE, Yves de. Moral e Ética no Mundo Contemporâneo. **Revista USP**, n° 110, jul./ago./set. 2016.

LANGANI, Bruno. **Raio-X de 20 anos de ataques a escolas no Brasil 2002-2023**. [On-line]: Instituto Sou da Paz, 2023. Disponível em: <https://soudapaz.org/wp-content/uploads/2023/05/Raio-x-ataque-a-escolas.pdf>. Acesso em: 27 jul. 2023.

MENON, Isabella. Autor de disparos em escola de Sapopemba diz que aprendeu a atirar no YouTube. **Folha de São Paulo** [online], São Paulo, 23. out. 2023. Violência. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/10/autor-de-disparos-em-escola-de-sapopemba-diz-que-aprendeu-a-atirar-no-youtube.shtml>. Acesso em: 20 Dez. 2023.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: DESLANDES, Suely Ferreira; CRUZ NETO, Otávio; GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 21 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

OLIVEIRA, L.; COSTA, P.; AZEVEDO, T. Monitoramento das ameaças massivas de ataques às escolas e universidades: o papel das subcomunidades online que cultuam atiradores em escolas e sua relação com os boatos que produziram pânico generalizado no Brasil a partir do dia 09/04/2023 Relatório, Senado Federal, Brasília, DF, 2023. Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/sdleg-getter/documento/download/abc3f5c7-2b1a-4eec-b7f0-6687a2ec3dce>. Acesso em: 26 jul. 2023

ORTEGA, R.; DEL REY, R. **Estratégias educativas para a prevenção da violência**. Brasília, DF: UNESCO: UCB, 2002.

PALHARES; Isabela; LIMA NETO, Francisco; KRUSE, Tulio. Autor de ataque em escola de Sapopemba, em SP, era alvo de bullying, dizem alunos. **Folha de São Paulo** [online], São Paulo, 23. out. 2023. Violência. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/10/autor-de-disparos-em-escola-de-sapopemba-em-sp-era-alvo-de-bullying-diz-mae-de-aluna.shtml>. Acesso em: 20 Dez. 2023.

PINO, Angel. Violência, educação e sociedade: um olhar sobre o Brasil contemporâneo. **Educação e Sociedade**. [online]. Vol. 28, no 100, out./2007. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/es/v28n100/a0728100.pdf> > Acesso em: 13 ago. 2023.

PINTO NETO, Moysés. Suzano: a educação na mira dos massacres lumpen radicais. **Dialogia**. São Paulo: v. 33, p. 178-191. set./dez. 2019. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/dialogia/article/view/13790/7840> . Acesso em: 13 ago. 2023.

SCHILLING, Flávia Inês. **A sociedade da insegurança e a violência na escola**. São Paulo: Moderna, 2004

VINHA, T. et al. **Da escola para a vida em sociedade: o valor da convivência democrática**. São Paulo: Adonis, 2017.

VINHA, Telma Pileggi; NUNES, Cesar Augusto Amaral; TOGNETTA, Luciene Regina Paulino Tognetta. CONVIVÊNCIA ÉTICA: UM PROGRAMA DE TRANSFORMAÇÃO EM ESCOLAS PÚBLICAS. In: DE ASSIS, Orly Zucatto Mantovani; DAL COLETO, Andrea Patapoff; DE CAMARGO MENEGHEL, Ana Lúcia Pinto. **A Educação deste Século XXI à luz do Construtivismo Piagetiano**. 2018. p. 83-102.

TOGNETTA, L. R. P.; VINHA, T. P. Estamos em conflito, eu comigo e com você: uma reflexão sobre o bullying e suas causas afetivas. In: CUNHA, J. L.; DANI, L. S. C.: **Escola, conflitos e violências**. Santa Maria: UFSM, 2008. ISBN 9788573911107

TOGNETTA, L. R. P.; FODRA, S.; BONI, L. D. G. Os grandes ataques em escolas: O que sabemos? In: TOGNETTA, L.R.P. (org.) **Bullying e convivência**: Em tempos de escola sem paredes. Americana: Editora Adonis, 2020. p.95-114.

VIEIRA, T. M.; MENDES, F. D. C.; GUIMARÃES, L. C. De Columbine à Virgínia tech: reflexões com base empírica sobre um fenômeno em expansão. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 22, n. 3, p. 493–501, 2009.